

**LONGE DE MANAUS, DE FRANCISCO JOSÉ VIEGAS:
CATEGORIAS DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA**

Adenize Franco

Este trabalho procura discutir algumas categorias da ficção romanesca da literatura portuguesa contemporânea através de um breve estudo da obra *Longe de Manaus*, de Francisco José Viegas. O romance, publicado em 2005, explora as categorias de tempo e espaço dentro das determinações pós-modernas, ou seja, evidencia as diluições de fronteiras e memória. Aliado a um projeto de romance policial, a narrativa inscreve-se dentro das produções contemporâneas que dialogam com o gênero popular do séc. XIX e, desse modo, caracterizando-se, conforme Tânia Pellegrini, como uma “ficção em trânsito”.

**A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO E TCHAU DE LYGIA BOJUNGA:
DISCUTINDO IMAGENS DE RETORNO E DE ABANDONO**

Adriana F. A. Araldo

Este trabalho, fundamentado numa perspectiva comparatista, estabelecendo relações entre Literatura Juvenil e Sociedade, pretende demonstrar possíveis relações interdiscursivas entre as narrativas de *A Volta do Filho Pródigo*, parábola conhecida da Bíblia, e o conto *Tchau* de Lygia Bojunga.

Explorando as imagens do *retorno* e do *abandono* contidas nessas narrativas, objetiva-se refletir sobre a maneira pela qual a literatura para jovens vem a representar os processos de transformação de valores sociais, em especial, os que colocam em discussão os valores provenientes de uma educação exemplar.

O trabalho encontrou suporte nas ideias do dialogismo de Bakhtin, levando-se em conta questões de ordem interacionista, buscando evidenciar os princípios ideológicos veiculados por tais textos, confirmando a literatura como um instrumento de grande relevância na apreensão da realidade.

OS MÚLTIPLOS VOOS DO FLAMINGO

Alessandra Braghini Pardini

O presente trabalho é parte integrante da dissertação de mestrado **“Trinta Anos de Ficção (19752005): Terra Sonâmbula, O último vôo do Flamingo e O outro pé da sereia”** (em andamento), cujo objetivo principal concentra-se na análise das perspectivas históricas presentes no domínio do romance *O último voo do flamingo* do escritor moçambicano Mia Couto.

A partir da análise dos elementos estruturais que compõem o romance escolhido como *corpus* deste trabalho e das formas como no romance são tecidas as possibilidades sempre presentes de interlocução com uma dada realidade material dentro da qual este se projeta, almeja-se discutir como a consciência crítica e o olhar das personagens percorrem essa dada realidade dentro da qual estão inseridas e como, ao seguir uma certa lógica da comunidade local, se torna possível (e inevitável) a elaboração de um horizonte de expectativas. Sem dúvida, levam-se em conta os problemas locais levantados e desnudados ao longo do romance, mas que, nos parece, não intimidam a construção de horizontes futuros, pelo contrário, potencializam as aspirações desses sujeitos rumo às transformações sociais.

Para tanto, levar-se-á em conta, por exemplo, a composição dos discursos das personagens ao longo do romance que, acentuadamente, desvinculam-se da versão oficial e hegemônica do poder econômico local e transnacional; a peculiar descrição do espaço; o olhar singular que as personagens acabam por revelar de um dado período histórico.

É importante lembrar que, de acordo com Lukács (2000), *“o romance é precisamente a forma literária que melhor condensa o choque entre o homem e o mundo, o indivíduo e a sociedade, o homem e a família, entre o ser e o existir”*. Nesse sentido, pode-se considerar que para muitas ex-colônias africanas (como Moçambique), a Literatura (primeiramente por meio de poemas, contos e, por fim, também os romances) desempenhou e ainda desempenha um papel social e histórico importante na construção não somente das identidades nacionais (ou profundas reflexões acerca do que deveriam ser), como também dos sonhos e das perspectivas de futuro dos diferentes sujeitos que participam de tal realidade e que estão inseridos em uma determinada sociedade, marcados por um momento específico e participando ativamente da construção da História de seu país.

RUY DUARTE DE CARVALHO E SUA MAGIA

Alexandre Gomes Neves

A presente comunicação tem por objetivo analisar as relações entre literatura e antropologia ou, para ser mais preciso, entre narrativa e etnografia na obra de Ruy Duarte de Carvalho. Seus textos, tecidos na fronteira de distintos gêneros, tensionados entre a ficção, a poesia e o ensaio etnográfico (sem perder de vista a dimensão transdisciplinar), nos propõem a reflexão sobre estes novos tempos em que os antropólogos assumem a natureza subjetiva e marcadamente autoral dos textos que produzem. Livros como *Vou lá visitar pastores* (1999), *Os papéis do inglês* (2000) e *As paisagens propícias* (2005) desafiam a divisão convencional dos gêneros e a recepção dos leitores. Ainda que só *Vou lá visitar pastores* possa ser recepcionado como uma etnografia, por apresentar descrições dos Kuvale, povo pastoril do sul de Angola, em todos os livros citados registra-se a *viagem iniciática* que fará o sujeito viajante voltar-se para si ao dialogar com paisagens e sujeitos distintos, ao entrar em contato com a alteridade.

ROUSSEAU, BALZAC E CAMILO: APROXIMAÇÕES

Ana Luísa Patrício Campos de Oliveira

Como sabemos, as reflexões do filósofo político e contratualista francês Jean-Jacques Rousseau exerceram grande influência em sua contemporaneidade, principalmente no que concerne as suas considerações a propósito da vida em sociedade, sempre regida por um Contrato Social que finda por agrilhoar os homens que, nascidos livres e em natureza, abandonam seu estado natural, adotam a noção de propriedade privada e se submetem a um soberano ou um Estado legislador. De fato, Rousseau veicula uma crítica acirrada à vida em sociedade, pois, segundo ele, a organização social acarreta a corrupção, um mal inescapável ao meio civilizado. Com efeito, este pensamento rousseauiano acerca do “bom selvagem”, abordado no “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.”, em muito reverbera na literatura europeia oitocentista e se torna um grande mote para glosas romanescas. No presente artigo, pretendemos apontar como dois importantes romancistas do século XIX, o autor português Camilo Castelo

Branco e o escritor francês Honoré de Balzac, lidam com este conceito rousseauiano em algumas de suas obras ficcionais.

A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO PELO ESCRITOR INDÍGENA E INDIGENISTA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA

Andréa Castelaci Martins

O estudo dos povos indígenas foi pouco explorado no que se refere à literatura infantil e juvenil, ainda que seja um assunto bastante profícuo e passível de uma análise mais atenta devido à sua relevância. Por muitos anos, o conhecimento da cultura indígena ocorreu através dos seus mitos e lendas, assim, desde o século XVI eles foram coletados, recontados e adaptados por não-índios. No entanto, a partir da década de noventa, com o surgimento da LDB - Lei 9394 de 20/12/1996, e sua sucessora Lei 11.645 de 10/03/2008, que propõem o estudo dos povos indígenas, africanos e europeus e suas contribuições para a formação do povo brasileiro no Ensino Fundamental e Médio, muitos livros vêm sendo publicados também por escritores indígenas, com a abordagem de outros aspectos de sua cultura, entretanto, ainda hoje grande parte da produção literária tanto de escritores indígenas quanto indigenistas se destina à divulgação das lendas e mitos de vários povos. Por isso esta pesquisa se inicia com uma análise de um desses mitos.

Sabe-se que os mitos estão sempre ligados a fenômenos inaugurais como a criação do mundo e do homem, a explicação mágica das forças da natureza, etc. Assim, este trabalho fará uma análise comparatista do Mito do Guaraná do povo Sateré Mawé pela voz do escritor Yaguarê Yamã (representante do povo Saterê Mawê) e pela voz de Ciça Fittipaldi, escritora não-índia, que através da Série Morená recontou a mesma história, comparando as duas perspectivas culturais (do escritor índio e não-índio) e a sua riqueza literária.

DE AMORES DESMEDIDOS E NARRADORES IRÔNICOS: A PERSONAGEM FEMININA ROMÂNTICA E SUAS DIFERENTES APROPRIAÇÕES EM OBRAS DO ROMANTISMO BRASILEIRO E PORTUGUÊS

Andrea Trench de Castro

Se o humor e a ironia sempre estiveram presentes como recursos temáticos próprios do Romantismo em suas mais diversas realizações (CAMILO: 1997, p.54), certo é que ainda muito se

estudam as obras de Camilo Castelo Branco, Joaquim Manuel de Macedo e Álvarez de Azevedo sob o viés marcadamente romântico, melodramático e trágico, sem levarem-se em conta as diversas modalizações e as distintas apropriações que os autores realizaram com relação à tradição literária do Romantismo.

Nesta comunicação, faremos uma breve aproximação de algumas obras dos escritores mencionados com vistas a verificar a realização da personagem feminina e suas variadas facetas, através da análise de alguns procedimentos utilizados, tais como o humor, a paródia e a ironia romântica. Proporemos que o aspecto que fundamenta os textos analisados é a constante tensão entre as características genuinamente românticas e sua subversão, que resulta em ironia, paródia ou rebaixamento, saltando-se do sublime ao cômico, do belo ao ridículo.

Assim, pretendemos demonstrar que o diálogo estabelecido entre o grupo de escritores com o Romantismo supera questões de fontes e influências, revelando percepções críticas, inovadoras e criativas no tocante à atualização das tópicas românticas.

COSTUMES E HÁBITOS PORTUGUESES NA GOA DE MONÇÃO

Ângela Raposo de Medeiros Goldstein

A língua portuguesa é a sexta língua-mãe mais falada no mundo por cerca de 200 milhões de pessoas e está presente em quase todos os continentes. No sul da Ásia, foi chegada ainda no século XV, com os primeiros navegadores portugueses e, ainda hoje, é falada em Goa. Há ainda poucos estudos usando a literatura local em língua portuguesa sobre os impactos causados por essa colonização. A presente comunicação tem, portanto, como objeto de estudo verificar na obra *Monção* de Vimala Devi (1932), a partir de contos como *A Subvenção* e *Fidelidade*, os hábitos e costumes do colonizador português que foram introduzidos e incorporados na colônia indiana e como eles contrastam com os hábitos locais.

Publicado somente em Portugal no ano de 1963, apenas dois anos após a independência e incorporação de Goa à União Indiana, o livro é composto por 13 contos passados, na sua maioria, em Goa. Neles encontramos personagens e situações que estão muito longe do âmbito da maioria do público português, o que confere também um caráter de exotismo à obra. Através dessas histórias, este.

A IDENTIDADE NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CABOVERDIANA

Avani Souza Silva

A literatura infantil e juvenil caboverdiana é recente, com poucos títulos publicados, coincidindo com a independência do país, em 1975, embora o romance “Chiquinho”, de Baltasar Lopes, de 1947, inaugure no arquipélago a literatura produzida para adultos com forte ressonância entre os jovens. A Literatura Infantil e Juvenil na busca incessante do estético, do belo, da educação para a sensibilidade, nem sempre abriga títulos que tenham esses atributos desvinculados do desejo primeiro de instruir. Isso, porém, não diminui a importância dessas publicações, mas delimita um espaço que elas ocupam no momento histórico da formação da literatura, como sucede em outros sistemas literários. Enfocaremos aqui o livro “1,2,3” da brasileira Marilene Pereira, enfatizando como a literatura infantil e juvenil caboverdiana – série literária a que pertence a autora – pode comprometer-se com a formação da identidade. Partindo da concepção de macrosistema literário de língua portuguesa, formulado por Benjamin Abdala Junior, a partir do conceito de sistema literário concebido por Antonio Candido, baseamos nossas análises em Stuart Hall.

AS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Bruna Suelen Rocha Miranda

Marina Oliveira Felix de Mello Chaves

A produção cinematográfica dos Países Africanos de Língua Portuguesa enfrenta inúmeros problemas para se desenvolver. Em meio a estas dificuldades, se destaca a (quase) impossibilidade de acesso a estes filmes por um público interessado. Muitas exposições ficam restritas a poucos e esporádicos festivais de cinema e muitos apreciadores restam impossibilitados de conhecer esta rica produção. O esforço para ter contato com este cinema é recompensado por obras fílmicas que se revelam muito interessantes, inovadoras e dotadas de altíssima qualidade artística. Além disso, conhecer este cinema é uma forma de compreender melhor o universo cultural e intercultural destas nações. Assim, o objetivo deste trabalho é realizar um levantamento das produções

cinematográficas dos cinco países: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. O objeto de estudo, desta forma, multiplica as opções de análise e interpretação e adquire um caráter interdisciplinar. Neste projeto específico, a abordagem é voltada às relações entre Literatura e Cinema e à maneira como as narrativas fílmicas constituem elementos formadores do conceito de nação.

AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS TERRA-MULHER NA POESIA ÉPICA DE CORSINO FORTES

Christina Bielinski Ramalho

A associação entre os referentes “terra” e “mulher” é um fenômeno facilmente observado na literatura ocidental, em especial na produção épica. Uma derivação desse fenômeno é a correlação entre “corpo de mulher” e “terra Pátria”, gerando um antropomorfismo, que confere à terra-mãe possuir, entre outros, seios e útero e estar, no cumprimento de seu “potencial” de fecundidade, à mercê da invasão de seu corpo pela força masculina do conquistador, ao qual, unida, formará a imagem da “terra pátria”. Fato é que podemos verificar, através da observação de algumas epopeias, que o corpo da mulher pode ins/escrever a idéia de terra e, posteriormente, de pátria. Que conclusões essa constatação nos convida a tirar? Que relação poderá existir entre a inscrição milenar da mulher nas culturas como referente de estaticidade, dependência, submissão e fertilidade e a presença do fator “colonização” em muitas dessas culturas? Se o “Pai nosso” está no céu, o lugar da “mãe” é, invariavelmente, a terra? Baseada neste enfoque, esta comunicação pretende refletir sobre as representações simbólicas associadas à relação terra-mulher impressa nos três poemas que integram a obra *A cabeça calva de Deus* (2001), do cabo-verdiano Corsino Fortes: *Pão e fonema*, *Árvore & Tambor* e *Pedra de sol & Substância*, e analisar as impregnações, nos poemas, de categorias sêmicas míticas como *criação*, *fecundidade*, *sedução*, *expansionismo*, *superação*, *metamorfose* e *punição*.

A UTOPIA NA OBRA “MEMORIAL DO CONVENTO” DE JOSÉ SARAMAGO

Cybele Regina Melo dos Santos

O romance “Memorial do Convento” de 1982, do escritor português José Saramago (1922-2010) é considerado uma das suas obras mais importantes de sua trajetória como escritor. Nesta obra, Saramago, consegue unir fatos do passado, mantendo ligações com o presente.

Não se trata apenas da narrativa histórica da construção do Convento de Mafra, existe toda uma integração dos personagens que nos são apresentados no desenrolar do romance. E, essas histórias que seguem em paralelo, senão em primeiro plano, com os seus sonhos noturnos e diurnos, e expectativas e esperanças. Esses sonhos diurnos podem ser configurados na figura do padre Bartolomeu de Gusmão e o seu desejo utópico de construir uma máquina de voar (passarola), como forma de buscar a liberdade. Esses cruzamentos se dão, também, na figura dos casais: Blimunda, uma jovem paranormal, e Baltasar, um ex-soldado maneta; do rei D. João V e sua rainha D. Maria Ana Josefa.

Assim, o fato de se procurar identificar a utopia libertária presente nesta obra é uma maneira de mostrar como Saramago era engajado e militante nas questões político-sociais de seu país e do mundo, lembrando que foi escrito em um período de inovação e liberdade na escrita, por ser pós-revolução dos cravos, libertação das colônias africanas e fim da ditadura salazarista.

UM SER TÃO MISTURADO: ESTUDO SOBRE O FILME SAGARANA, O DUELO

Daniel Tadeu Obeid

A pesquisa objetiva aprofundar os estudos sobre o filme *Sagarana, o Duelo*, por meio de aproximações e rupturas com a matriz literária, o conto *Duelo*, do livro *Sagarana*, contribuindo para a reflexão da obra de Guimarães Rosa em outras linguagens.

No campo da teorização sobre adaptações literárias, a dissertação mostra que o filme é obra autônoma, constituída com liberdade narrativa, e contém aspectos temáticos e formais de alguns filmes brasileiros da década de 1970, em que confluem experimentações estéticas e a busca da reaproximação com o público. Porém, esse distanciamento do conto e “infidelidade” ao enredo original não comprometem o surgimento de um filme que incorpora questões recorrentes do escritor mineiro, manifestadas em seus textos posteriores, tais como o pacto fáustico, as relações sócio-políticas no sertão e postulações metafísicas e espirituais.

A pesquisa irá promover a análise do filme *Sagarana, o Duelo*, em concordância com o cenário cinematográfico nacional no momento de sua produção e com as proposições estilísticas do

diretor Paulo Thiago, considerando essa tensão entre o resgate e a recriação do universo de Guimarães Rosa.

A ESTÉTICA LITERÁRIA EM *PAULINA AO PIANO* DE ALICE VIEIRA

Daniela Yuri Uchino Santos

Esta comunicação tem como objetivos a apresentação de algumas definições sobre estética, especificamente no campo da literatura, ou seja, a estética literária, entendendo-se como um trabalho com/de linguagem; abordando-se vários reconhecidos autores da área de literatura, chamando-se a atenção para a tese da professora Maria dos Prazeres Santos Mendes, que apresenta paradigmas que podem ser de grande relevância para as pesquisas e estudos sobre a estética literária na contemporaneidade. Optamos pela estética literária pela sua relevância nos estudos da literatura, abordando-se a forma, a construção da narrativa e investigando-se o fazer literário, através dos recursos de linguagem que são concretizados no texto verbal, obtendo-se através desse prisma uma noção do estético na obra. Realizada a análise-crítica de obra selecionada, estabelecemos um diálogo sobre a estética literária através dos recursos de linguagem que concretizam o fazer literário na obra para crianças e jovens *Paulina ao piano* da autora portuguesa Alice Vieira. Para tal abordagem, investigamos as questões de linguagem nessa obra; assim como focalizamos o narrador e suas relações com a personagem e o leitor, através das ideias de vários autores como Walter Benjamin, *Obras escolhidas*; Samira Chalhub, *A Metalinguagem*; Jacqueline Held, *O Imaginário no poder*; Ligia C. M. Leite, *O foco narrativo*; Maria José Palo et Maria Rosa D'oliveira, *Literatura infantil. Voz de criança*; e Jean Pouillon, *O tempo no romance*. Dessa forma, dentro dessa perspectiva de nossa pesquisa, vamos apontando paulatinamente um diálogo com a estética literária, até chegarmos a um modelo que possa contribuir com tal estudo e pesquisa.

A MESCLA DE GÊNEROS EM “ÁGUAS DE CONTENDAS”

Daviane Moreira

Em *Águas de Contendas*, obra de 1998 presente na reunião poética 2, **Lugares Ares**, Edimilson de Almeida Pereira reuniu poemas nos quais o cenário mineiro se faz presente em diferentes momentos históricos, do século XVIII aos dias atuais, percorrendo de cidades do interior a pontos de grande importância econômica, inserido personagens anônimos metidos em disputas ou ilustres, como o poeta Alphonsus de Guimaraens e o escultor Antonio Francisco Lisboa, visitando igrejas ou observando reuniões de escravos. Nos poemas de Pereira é possível identificar elementos da vida cotidiana em Minas Gerais logo após 1815, embora ainda sejam perceptíveis aspectos do período colonial brasileiro. Nessa obra, por vezes escrita em português de grafia e estilo antigos, optamos por uma leitura que aproveite os aspectos formais adotados para a discussão dos gêneros textuais que se configuram: no decorrer do livro são reconhecíveis os anúncios de venda versificados, os ofícios que se organizam em estrofes. Essa mescla textual está presente em outros trabalhos de Edimilson Pereira, em forma de partituras musicais e interrogatórios em aeroportos, por exemplo. Privilegiaremos, portanto, uma análise que atente para a problematização que surge quando da adequação dos temas poéticos (uma carta em resposta a um ofício, p.ex.) às possíveis formas de expressão, que acabam por esticar ou apagar limites textuais.

LITERATURA E CINEMA: TRAÇADO E COMPOSIÇÃO DE PLANOS

Davina Marques

Em pesquisa de doutorado que se debruça sobre a literatura e o cinema dentro de uma perspectiva filosófica contemporânea, estudo “Campo Geral”, de João Guimarães Rosa, novela publicada pela primeira vez em *Corpo de Baile* (1956), e *Mutum* (2007), de Sandra Kogut, filme de inspiração rosiana. Nesta comunicação apresento a concepção deleuziana de plano de imanência e de plano de composição, a fim de discutir o processo de criação filosófica e de criação artística. O filósofo é a afirmação de um “eu penso” e o artista, de um “eu sinto”. Ao captar um pensamento, uma ideia, o filósofo trabalha em um plano de imanência; o artista, por sua vez,

traça um plano de composição. Neste plano, cria-se: o pintor, seus quadros; o escritor, seus escritos; o diretor de cinema, seus filmes... Diferentemente do filósofo, que trabalha com conceitos, o artista lida com a força das sensações e cria um bloco que conserva e se conserva. A arte conserva o sorriso, independentemente do artista que a criou, independentemente do modelo de que se serviu ou dos seus espectadores, que se limitam a experimentá-la. “O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é *um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos.*” (DELEUZE & GUATTARI, 2007, p.213). Estes perceptos e afectos, mais do que sentimentos, afeições e percepções, constroem um *monumento*, segundo esses autores, que se mantém em pé sozinho: a obra de arte. Dentro de uma perspectiva comparada, este conceito nos ajuda a pensar a literatura e o cinema do ponto de vista das suas singularidades, em que se aponta o *bloco de sensações, o monumento*, que cada uma dessas artes foi capaz de produzir.

Palavras-chave: literatura, cinema, filosofia contemporânea, monumento.

LITERATURA E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

O PLANALTO E A ESTEPE E O PROJETO LITERÁRIO DE PEPETELA

Donizeth Aparecido dos Santos

O projeto literário de Pepetela iniciado na década de 60 tinha como objetivos principais a construção da nação angolana e o questionamento do poder político vigente em Angola, utilizando sempre para esse fim a matéria de extração histórica angolana. Até *Predadores*, publicado em 2005, o autor foi extremamente fiel a esse projeto. Suas obras até então tematizaram Angola, ora refletindo a utopia de se construir uma nação angolana livre das amarras do colonialismo; ora apresentando o desencanto, a falência desse projeto nacional. Em *O terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007) e *O quase fim do mundo* (2008), Pepetela rompe com essa linha mestra que pautou a sua escrita literária e se aventura por outras paragens além das fronteiras angolanas. No entanto, no romance seguinte, *O planalto e a estepe*, publicado em 2009, ele volta a utilizar a matéria de extração histórica angolana ao contar a história do amor impossível entre o angolano Júlio Pereira e a mongol Sarangerel, tendo como pano de fundo a história do movimento de libertação angolano. Nesse sentido, esta comunicação apresenta algumas reflexões sobre o romance *O planalto e a estepe*, levando-se em consideração o projeto literário do autor e seus últimos romances publicados. Para tanto, no início, apresenta-se uma breve síntese dos romances *O terrorista de Berkeley, Califórnia* e *O quase fim do mundo* para que

se possa comparar essas obras e o romance em análise com a produção literária anterior do escritor.

PARATEXTOS FÍLMICOS: OS INTERTÍTULOS DE *PALAVRA E UTOPIA*

Edimara Lisboa Aguiar

Este trabalho integra o projeto de pesquisa de mestrado “Eterno Regresso: biografia como espaço de memória e reflexão” (em andamento) e tem por objetivo analisar o papel narrativo dos intertítulos no filme *Palavra e Utopia* (2000), de Manoel de Oliveira. Inferência gráfica característica do cinema mudo, os intertítulos narrativos recorrentes na filmografia oliveiriana funcionam como uma verdadeira instância narrativa elaboradora do discurso fílmico e reveladora da intenção do cineasta-autor. Mais do que simples legendas indicativas do espaço-tempo da ação subsequente, esses intertítulos acrescentam informações, menos explícitas e mais distantes, no conjunto do texto audiovisual. No filme em questão – uma espécie de biografia do padre Antônio Vieira, em que, somados à pesquisa historiográfica, os próprios sermões e cartas do escritor ajudam a recompor ficcionalmente o decorrer de sua vida –, pretendemos analisar como esse paratexto, na concepção genettiana do termo, pôde assumir uma função menos acessória e mais participativa. Deste modo, esperamos avançar em nossa compreensão do filme e das características singulares, engenhosas e argutas, da estética desse expoente do cinema de língua portuguesa.

ESPERANÇA E LIBERTAÇÃO: INTERFACES DE UMA UTOPIA NA/PELA POESIA DE AGOSTINHO NETO E PEDRO CASALDÁLIGA

Edson Flávio Santos

Todo o processo de aculturação cometido em alguns países africanos vai encontrar uma relação semelhante ao acontecido no Brasil, impondo, assim, um modelo cultural europeu que vai sobrepor-se ao modo “crioulo” de ser.

Porém tanto nos países africanos de independência recente, como no Brasil, houve movimentos que revitalizaram a “crioulidade” da nação, ativando nesses países uma abertura cultural muito segura de si.

Diante disso, digo que as literaturas, africana e brasileira, estarão intimamente ligadas, *a priori*, pela língua, mas acima de tudo pelas diversas semelhanças e diferenças presentes na constituição das respectivas nações, fato esse que vai influenciar nas produções literárias de seus autores.

Postas estas reflexões acerca da formação destas nações e por certo das literaturas de língua portuguesa, o presente trabalho se propõe, numa perspectiva dos estudos de literatura comparada, realizar um estudo inicial, de aproximação, sobre a interface poética de Pedro Casaldáliga (Mato Grosso – Brasil) e Agostinho Neto (Angola – África), revelando um engajamento social expresso numa poesia utópica e libertária.

ENCONTRO COM O AUTOR: FERNANDO VENÂNCIO E FRADIQUE MENDES

Eduardo Gonzales Moreira

O trabalho que será apresentado é uma resenha sobre uma entrevista, que acompanhará minha tese, com o autor e crítico literário Fernando Venâncio, professor da Universidade de Amsterdão. A entrevista concedida na cidade de Lisboa, em 07 de janeiro de 2011, viagem feita com o auxílio da bolsa Capes. O autor debateu sobre a criação e a retomada da personagem Fradique Mendes, em seu romance *Os Esquemas de Fradique*, em que a personagem é retomada pela memória de personagens que são parentes deste *dândi* português. Discutimos sobre seu texto “Efabulações Fradiquianas” - que consta no livro *Objetos Achados – Ensaios Literários* - em que apresenta cronologicamente, até Eduardo Agualusa, as retomadas da personagem. Falou também sobre o seu encontro com José Antônio Marcos, autor que também efabulou no romance “O Enigma das cartas inéditas de Eça de Queiroz”. O autor levanta discussões sobre a figura de Fradique nos séculos XIX, discutindo a matriz queirosiana, em sua representabilidade, XX e XXI, discutindo as retomadas da personagem em vários autores, e também se colocando frente os fenômenos da paródia, da tradução e da transgressão, que permeiam tais empréstimos; além de informar que as aparições fradiquianas não rodeiam somente o âmbito literário, mas também textos jornalísticos de Lisboa. Consta também da conversa um longo trecho em que se coloca frente a questão África (colonização, processo de independência e discurso ideológico) e Brasil.

ENTRE AS TRADIÇÕES CRIOULAS E A MODERNIDADE BRASILEIRA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CABOVERDIANA NOS NOVE NÚMEROS DA REVISTA *CLARIDADE*

Elisangela Aparecida da Rocha

A presente comunicação parte do projeto desenvolvido no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo apresentar as discussões iniciais acerca do estudo minucioso dos nove números da revista *Claridade* – revista de Letras e Artes – com o intuito de refletir como a construção identitária caboverdiana, a caboverdianidade, é representada nas publicações ocorridas entre os anos de 1936 e 1960. Pautando-se em resgatar as tradições culturais do arquipélago num contexto de modernidade literária, sobretudo pelo contato produtivo com o movimento modernista brasileiro, a revista *Claridade* surge como um marco de modernidade que se apoia num modelo brasileiro de autonomia literária e política, mas alicerçado num forte sentimento de pertença em relação ao seu espaço, seja ele geográfico (regional) ou cultural, dando continuidade a um processo que se inicia na gênese do sentimento nativista, em meados do século XIX, com Pedro Cardoso e Eugénio Tavares. Duramente criticada pelas gerações posteriores, que a acusaram de não ser engajada, a primeira geração da revista *Claridade* seria mais tarde reconhecida por sua importância na formação da caboverdianidade e de um construto identitário que serviu de fundamento para a reivindicação da independência da colônia, e abertura de caminho para outras gerações, entre elas a da revista *Certeza*.

OS VETORES DE CLASSE E GÊNERO EM JOÃO MELO

Emiliano Augusto Moreira de Lima

A comunicação tratará da problemática separação entre os discursos de e sobre gênero e dos conflitos de classe, investigando se e como isso ocorre ou se reflete na prosa do escritor angolano João Melo (bem como nas análises feitas até então pelo autor da comunicação), levando em conta contos presentes nos livros *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir Filhos da Pátria, The serial killer e outros contos risíveis ou talvez não* e *O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida*. A comunicação partirá do pressuposto que os conflitos de classe e os discursos de gênero estão em alguma medida interligados, mas também em alguma medida os segundos extrapolam os primeiros. Assim sendo, em algum momento as análises materialistas deixaram

escapar as nuances em que a luta de classe é extrapolada, e as linhas classificadas como pós-modernas frequentemente falham em integrar a dimensão das divisões de classe aos seus argumentos. A intenção da comunicação é fazer apontamentos de onde e porque isto ocorre, e investigar se há possibilidade de conciliação entre as posições; ou, se não há, quais são as contradições que impedem esta conciliação, a se pensar principalmente as contradições que envolvam em pressupostos teóricos sobre história, sociedade, e literatura.

TRADIÇÕES JAPONESAS NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS DE WENCESLAU DE MORAES E GUILHERME DE ALMEIDA

Erika Horigoshi

O objetivo desta comunicação é observar, a partir de textos jornalísticos de Wenceslau de Moraes (1854-1929) e Guilherme de Almeida (1890-1969) sobre o Japão, publicados em veículos de comunicação portugueses e brasileiros, qual é o tratamento reservado às tradições japonesas por parte dos dois autores. Entendemos que esses textos publicados em jornais e revistas contribuíram como formas de conhecimento do povo japonês no Ocidente, uma vez que foram escritos considerando seus aspectos sociais, históricos, antropológicos e políticos.

O recorte para este estudo inclui textos de Wenceslau de Moraes publicados no jornal *O Comércio do Porto* entre 1905 e 1906, e posteriormente compilados no terceiro volume das *Cartas do Japão* – intitulado *A Vida Japonesa* –, bem como a crônica guilhermina “O Bazar das Bonecas”, publicada n’*O Estado de S.Paulo* em 1929, e a entrevista “Haikai, poesia de estação”, concedida por Guilherme de Almeida à *Gazeta de Notícias* em 1941. Com a análise desses textos, busca-se compreender um pouco do que foi tomado como valor literário e cultural na tradição japonesa pelos dois escritores e como isso contribuiu para a formação da imagem da cultura do Japão nessas literaturas de língua portuguesa.

CRIANÇA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DE OLIVER TWIST, DE CHARLES DICKENS

Fabiana Valeria da Silva Tavares

Esta comunicação objetiva apresentar uma análise de *Oliver Twist*, do escritor inglês Charles Dickens. Para tanto, adotamos como eixo condutor a representação das concepções de criança e

sua relação com a sociedade da época, a saber, meados do século XIX, como forma de compreender a relação entre uma e outra quando da construção das concepções de criança e de infância tal como a conhecemos ao longo do século XX. Nesse ínterim, perpassaremos as relações entre outros membros da sociedade relacionados e a personagem central do romance, e que representam instâncias relevantes na construção dessa criança da classe mais baixa que Oliver aqui representa, tais como os mantenedores de um orfanato, juízes, um limpador de chaminés, um senhor rico, um *padrone* explorador do trabalho escuso de crianças e um bandido. De tais relações extrairemos nossa interpretação do papel da criança – especialmente a da classe baixa – e de sua relevância social para a sociedade inglesa que, em suma, foi o berço mercadológico e o lugar de consolidação da literatura infantil e juvenil.

CULTURALISMO: UMA ESTÉTICA DA EVASÃO E SUAS CORRENTES TEÓRICAS

Fábio Salem Daie

Esta comunicação tem o objetivo de reconhecer uma tendência estética da literatura contemporânea que deposita importância variável nos aspectos culturais da obra, em alguns casos apresentando-os em detrimento de um contexto sócio-histórico, em outros chegando mesmo ao que gostaríamos de chamar uma “absolutização étnica”, para usar um termo de Paul Gilroy, em que demais aspectos sócio-históricos estão quase completamente diluídos. Embora feita uma relação pontual com aspectos da obra do moçambicano Mia Couto, o trabalho pretende inserir devidamente este traço literário no seu contexto pós-colonial, bem como a corrente teórica correspondente e outras surgidas ainda ao final do século passado. À crítica destas “filosofias da decadência”, nas palavras de György Lukács, serão convocadas contribuições – ainda que indiretamente contidas no texto, dada a brevidade da apresentação – de autores como Raymond Williams, Terry Eagleton, Perry Anderson, Fredric Jameson, Gayatri Spivak, Ángel Rama, Antonio Candido, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Netto e, claro, do próprio Lukács. Deve ser dito que esta comunicação também se inscreve no terreno de uma *crítica* marxista – e não somente de uma *teoria* marxista – com base no conceito de *valor estético* presente no ensaio “O autor como produtor”, de Walter Benjamin.

OS CAMINHOS LITERÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: EXPERIÊNCIA E CONSTRUÇÃO ESTÉTICA

Fernanda Rodrigues de Miranda

Nossa hipótese é que Carolina Maria de Jesus, escritora que produziu uma vasta obra entre as décadas de 1950 e 1970 e que ficou conhecida como a “escritora favelada”, pode ter sido a primeira autora brasileira a internalizar a experiência histórica da pobreza ao campo da dicção da obra literária, não apenas introduzindo a *temática* da favela e da sobrevivência urbana marginal na pauta do dia da “cidade do progresso”, mas principalmente, pela *formalização estética dessa temática*. Procuraremos demonstrar que sua escrita, para além de alçar o discurso de um sujeito subalterno ao plano público, alinhou tema à internalidade da experiência histórica na própria forma da linguagem, produzindo uma “estética do lixo” que muitas vezes foi reduzida a mero documento de interesse sociológico. Pretende-se mostrar como as diferentes posicionalidades do sujeito em questão se convertem em uma poética rasurada, de uma linguagem híbrida que assimila no nível da forma a vivência do movimento entre lugares e culturas que a autora experienciou. Procuraremos investigar o percurso de construção dessa poética na comparação entre os livros *Quarto de despejo*, *Diário de Bitita* e *Pedaços da fome*.

O IMAGINÁRIO DA LUTA DE CLASSES NA CONSCIÊNCIA INTELLECTUAL BRASILEIRA

Gabriel Alves de Campos

Em *Formação da literatura brasileira*, Antônio Cândido desenha o painel histórico do Brasil no seu “desejo de ter uma literatura”. Com um recorte nos seus *momentos decisivos*, o Crítico estuda os períodos do Arcadismo e do Romantismo para compreender como se formou o sistema literário brasileiro. Partindo da sua análise metodológica e com inspiração no personagem Paulo, de *Terra em Transe*, filme clássico do Cinema Novo, dirigido por Gláuber Rocha, a exposição pretende discutir o alcance das categorias críticas dos textos *Dialética da Malandragem* (Antônio Cândido), *Pressupostos, salvo engano da Dialética da Malandragem* (Roberto Schwarz), *Espírito rixoso: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias* (Edu Otsuka), e, finalmente,

Dialética da marginalidade (João Cezar de Castro Rocha). Mais do que isso, interessa pensar a posição do intelectual diante da *luta de classes*, conceito fundamental para estudar a questão da identidade nacional. Para tanto, a ideia geral é discutir a filiação dos textos com a tradição, bem como compreender seu raio de ação no que diz respeito à *Formação da literatura marginal* – “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” (Cândido) – em autores como João Antônio, Paulo Lins e Ferréz. Consta de verdadeira obsessão o tema dos processos formativos no país. Trata-se, no entanto, de compreender antes seu sentido e significado histórico, cultural e político, para depois verificar sua funcionalidade no campo da psicologia social.

PARA ALÉM DA DANÇA:

CONFIGURAÇÃO DA NAÇÃO EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Ianá Souza Pereira

A comunicação pretende refletir sobre a representação da nação no romance *Niketche*: uma história de poligamia da moçambicana Paulina Chiziane, buscando analisar de que maneira a configuração da nação aparece entrelaçada à problemática feminina. Considerando que uma das marcas da literatura moçambicana é a tensão entre o projeto nacional e as identidades sócio-culturais, pretendemos relacionar a construção da identidade feminina com a identidade nacional forjadas no romance, na medida em discutimos o drama da protagonista Rami que aparece num processo de (re)constituição do sujeito feminino. Nesse sentido, buscaremos as ligações entre as questões da estruturação social, econômica e política moçambicana e a condição feminina, estabelecendo uma conexão entre capitalismo e patriarcado como sistemas mantenedores da subordinação da mulher. Visto que o romance estabelece uma tensão na descoberta da identidade feminina para desmascarar práticas sociais e institucionais herdadas do modelo colonial, e atualizadas com requinte no jugo feminino, sendo muitas vezes utilizado o viés da tradição como justificativa da dominação masculina, escamoteando as origens históricas da subordinação das mulheres e sua reprodução na realidade de Moçambique.

MASSUPAI, A MULHER CONTA A GUERRA EM VENTOS DO APOCALIPSE DE PAULINA CHIZIANE

Irineia Lina Cesario

O contexto histórico-social, contraditório, na realidade se torna objeto de estudo no plano ficcional e precisa ser redimensionado via representação do texto, espaço significante e de jogos de sentidos para o funcionamento da discursividade de vozes não autorizadas e marginalizadas pela sociedade. Assim, a história de Massupai, a negra sereia das terras chopes, é contada a partir da experiência da própria autora Paulina Chiziane em convivência com a guerra civil moçambicana. Interessa-nos neste texto ressaltar o arranjo narrativo dos fatos em história por meio da linguagem, de forma a estabelecer um diálogo entre um conjunto social e textual próprio daquela comunidade.

ENTRE TEIA DE LEMBRANÇAS E VÃOS DO ESQUECIMENTO: NOTAS SOBRE MEMÓRIA E RECONSTRUÇÃO NA NARRATIVA LITERÁRIA

Joana Marques Ribeiro

É evidente a preocupação atual com o tema da memória. A questão é constantemente colocada em discussão não apenas no âmbito acadêmico, dentro de diferentes áreas das ciências humanas, como também é fonte e matéria nos mais diversos campos da produção artística. Para Jacques Le Goff, em *História e Memória* (2003), essa preocupação contemporânea deve-se ao fato de que a memória “é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades”. Nesse sentido, a presente comunicação propõe-se a refletir sobre o tema da memória a partir da análise da construção do narrador nas obras *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum. A partir da perspectiva dos Estudos Comparados, procuraremos demonstrar de que maneira os romances em estudo propõem a discussão sobre a memória enquanto releitura e reconstrução do passado, em consonância com Ecléa Bosi: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (1994). Dessa maneira, se por um lado, em *São Bernardo*, a representação da memória passa por uma paulatina desconstrução da objetividade do narrador Paulo Honório, cuja subjetividade penetra em seu discurso de forma a embaralhar consciência e realidade, passado e presente, objetividade e subjetividade; por outro, em *Relato de um certo Oriente*, a memória do

passado familiar da protagonista se reconstrói apenas a partir de uma narrativa constituída por várias vozes como um coral, em meio a uma teia de lembranças e vãos do esquecimento.

GIL VICENTE EM FOCO: REFLEXÕES SOBRE A CULTURA E A COMICIDADE

Jorge Henrique

Esta comunicação pretende estudar o lugar do teatro de Gil Vicente como elemento representativo da vida privada de Portugal dos séculos XV e XVI, transitório entre a Idade Média e o Renascimento. Partimos do pressuposto de que não há entre tais períodos históricos fronteira delimitada, considerando as mudanças impressas no pensamento ocidental como eixos em gradativa e infinita transformação que regulamentam e instrumentalizam o fazer literário com renováveis e renovados meios expressivos, consoantes à necessidade específica do artista de cada tempo.

Através da peça “Comédia do Viúvo”, estabeleceremos retratos multifacetados das personagens arquetípicas nas muitas funções sociais que exercem (na vida familiar, social, econômica, política etc.) e nas suas inter-relações que nos possibilitam compreender melhor o interior da sociedade portuguesa.

Por meio do estudo de distintas propostas de reflexão acerca da comicidade e do conceito de Jogo de teóricos e filósofos da contemporaneidade, entrecruzaremos o privado e o riso na comédia de Gil Vicente, estabelecendo, em um caráter de interdependência, como o comediógrafo se vale da vida particular dos cidadãos para a obtenção do elemento cômico.

Por ser esta uma peça pouco explorada nos estudos vicentinos, acreditamos que a busca cada vez maior pelo estudo das expressões literárias ditas menores deva estender-se aos autores maiores cuja fortuna crítica negligenciou inadvertidamente determinadas obras. Ainda por ser esta peça escrita em castelhano, refletindo, pois, a estrita e difícil relação entre Portugal e Espanha aos fins do século XV, constitui um vastíssimo e promissor objeto de estudo sob vária ótica de análise.

O SIÃO SOB O OLHAR DE EÇA DE QUEIRÓS

José Carvalho Vanzelli

Essa comunicação é parte integrante do projeto de mestrado iniciado no ano de 2011 na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa que visa investigar a imagem do extremo Oriente na obra de Eça de Queirós. Pretendemos, neste encontro, apresentar uma análise dos textos jornalísticos intitulados “O 14 de Julho. Festas Oficiais. O Sião” e “A França e o Sião”, inicialmente publicados no jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro entre agosto e setembro de 1893 e atualmente integrantes da coletânea Ecos de Paris (1905). Na análise desejamos discutir a imagem do Reino do Sião (atual Tailândia) presente nos textos do renomado escritor português oitocentista frente ao movimento imperialista europeu. Tendo por recurso teórico a célebre obra de Edward Said *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente* e *La renaissance orientale*, de Raymond Schwab, confrontaremos a visão do autor com a imagem européia acerca do reino do Extremo Oriente e seus habitantes, tendo como pano de fundo o contexto histórico europeu e asiático do final do século XIX.

ROBINSON CRUSOE: RESSONÂNCIAS ESTÉTICO-IDEOLÓGICAS NO CINEMA DE PRODUÇÃO HOLLYWOODIANA VERSUS O CONTRA-DISCURSO PARODÍSTICO TECIDO POR MOZEL SILVEIRA

José David Borges Junior

Conforme Shohat e Stam na obra *Crítica da imagem eurocêntrica* (2006), literatura e cinema são campos de formação da cultura capazes de provocar saltos evolutivos no entendimento de problemáticas de cunho sociopolítico e ideológico. Nessa linha de pensamento, o presente estudo tem por objetivo analisar como se processa a construção discursiva do clássico da literatura universal *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe, com a finalidade de mapear as imagens do mito do empreendedor capitalista contemporâneo para, então, confrontá-las com a obra cinematográfica intitulada *A ilha* (2005), sob direção de Michael Bay. Assim, verificar-se-ão as marcas que o texto do jornalista inglês imprimiu no cinema de estética hegemônica, contribuindo para a reiteração de uma postura eurocêntrica atualizada pela práxis imperialista de potências capitalistas do século XXI. Diante disso, pretendemos, ainda, confrontar as referidas imagens com a obra *As aventuras de Robinson Crusoe* (1978), de Mozael Silveira, haja vista que tal película, através do uso da paródia, da carnavalização e do grotesco, cria um contra-discurso em relação ao texto europeu, proporcionando novas leituras que põem em xeque a imagem mítica do empreendedor capitalista moderno.

MULHERES DE SERRANO: UMA LEITURA DE *A LOUCA DE SERRANO*, DE DINA SALÚSTIO

Juliana Primi Braga

Desde a independência nacional de Cabo Verde, na Primeira (1975-1990) e Segunda Repúblicas, surgiram várias instituições e associações de mulheres que se ocuparam da igualdade entre os gêneros. No campo literário, a **Revista Mudjer**, editada pela OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde), destacava-se dentre os periódicos por publicar nomes como Vera Duarte, Dina Salústio, Orlanda Amarílis e Dulce Almada Duarte, que puderam assim divulgar seus escritos. Dentre essas mulheres que encontraram sua voz e se fizeram ouvir, deixando de ser consideradas apenas informantes nativas das histórias orais de sua cultura, merece destaque a caboverdiana Dina Salústio. Valendo-nos do conhecimento histórico proposto por Maria Odila Leite da Silva Dias, o qual aponta a delimitação do lugar, da situação, da posição relativa das mulheres a serem estudadas no conjunto de uma determinada sociedade, de forma a problematizar as balizas do conhecimento relativas a estas mulheres (neste caso, as caboverdianas), a fim de construir seu próprio conceito, nosso objetivo neste trabalho é verificar como o romance **A Louca de Serrano**, de Dina Salústio, retrata a história de vida das mulheres caboverdianas. Além disso, analisar como a escritora aborda questões relevantes sobre a loucura, a tradição, a modernidade, a fertilidade e o preconceito, tendo como espaço a imaginária Serrano, onde se desdobram os mais inusitados acontecimentos.

PARAÍSO TERRESTRE: RELIGIÃO, POLÍTICA E LITERATURA

Kelly Mendes Lima

A comunicação visa a expor uma breve análise de intersecções quanto a um “paraíso terrestre” nos campos da religião, política e literatura.

Para a maior parte dos estudiosos do assunto, o conceito de um mundo justo a ser instaurado na Terra, o milenarismo, possui raízes em tradições religiosas originariamente euro-asiáticas. No entanto, abrange atualmente a todos os continentes e pode ser encontrado em outras manifestações culturais para além da religião – mantendo o caráter místico ou alterando-o para secular –, como no caso da literatura.

Na África subsaariana, de modo geral, essa concepção parece ter gerado seus seguidores por meio de missionários evangélicos, posteriormente lançado bases para movimentos de autoafirmação quanto à direção de um cristianismo africano e auxiliado nos movimentos de reconquista de condutas políticas próprias, sem o jugo colonial. Assim, encontraríamos naquele continente, a partir de ressignificações, diferentes crenças, desejos e lutas por um paraíso terrestre.

A literatura não poderia se furtar ao assunto; de fato, encontramos produções artísticas em países africanos de língua portuguesa que abordam diversas formas desse almejado modo de vida justo.

VALENTÕES NO PÁTIO DA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE CENAS DE *BULLYING* PRESENTES EM DIFERENTES INTENSIDADES NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Laís de Almeida Cardoso

O crime ocorrido em Realengo, na Escola Municipal Tasso da Silveira, no dia 7 de abril de 2011, reacendeu na mídia brasileira a atenção para os casos de *bullying* que ocorrem desde sempre nas escolas de todo o mundo. Cerca de alguns meses antes, o tema já vinha sendo debatido devido à grande repercussão de um vídeo que passou a circular na internet, mostrando um estudante australiano, Casey Heynes, revidando a provocações de um colega após insistentes insultos físicos e verbais.

O *bullying* sempre existiu na sociedade, mas um lugar, em especial, por sua habitual riqueza de diversidade e conflitos, tem destaque para a ocorrência de casos constantes de agressão explícita ou velada; física ou moral: a escola.

Também não faltam na Literatura Infantil e Juvenil cenas de *bullying*, e neste trabalho procuramos classificá-lo em três graus: 1) intenso, quando o *bullying* ocupa o palco central da obra; 2) importante, quando não é o tema principal, mas é peça fundamental para o desenrolar da trama; 3) discreto, quando não ocupa lugar de destaque, mas está presente para garantir verossimilhança à narrativa; afinal, a arte imita a vida.

Para que esta classificação fosse empregada, foram analisadas obras da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira e universal, além de algumas histórias em quadrinhos e suas adaptações para o cinema, em que o tema também se manifestou.

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A OBRA “UM GAROTO CHAMADO RORBETO” DE GABRIEL PENSADOR

Leandro Montalvão

No mundo contemporâneo, a leitura é fundamental para que as pessoas desenvolvam de maneira plena seu potencial humano. Através dela, acessam ideias, valores, conhecimentos de diversas áreas, de diferentes culturas e de diferentes épocas. Conhecimentos esses imprescindíveis na formação de pessoas que contribuam na construção de uma sociedade mais democrática e justa, baseada na diversidade e na pluralidade. É imprescindível, então, refletirmos a formação de leitores.

O primeiro encontro com o livro e com a leitura geralmente ocorre na infância. A qualidade desse contato influencia em muito na formação ou não de um futuro leitor. Muitos fatores envolvem a qualidade desse contato, entre eles destacamos três: O ambiente onde ele se dá, a maneira como ele é propiciado (uma possibilidade é a mediação de leitura feita por uma pessoa leitora) e os livros que são escolhidos para essa finalidade. É importante que esses livros sejam livros de qualidade. Mas o que é um livro de literatura infantil de qualidade? O que os professores ou os pais devem ter em mente quando selecionam um livro para suas crianças?

Utilizando estudos sobre a literatura infantil e tendo como fundamentação a literatura comparada e a crítica literária, serão levantados alguns critérios que possam ser relevantes no entendimento do que seja qualidade na literatura infantil.

Esses critérios serão utilizados para avaliar criticamente a obra “Um garoto chamado Rorbeto” de Gabriel Pensador, ganhador do prêmio Jabuti em 2006, na categoria de literatura infantil.

O NARRADOR, O ESPAÇO E A DIGESTÃO DOS CASOS: UMA LEITURA DE *COMO SE O MUNDO NÃO TIVESSE LESTE* DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Lidiane dos Santos Olivio

A partir da delimitação prévia de um *corpus*, a saber: *Como se o mundo não tivesse leste* (1977) de Ruy Duarte de Carvalho, procuraremos através deste trabalho estabelecer uma comparação entre o direito costumeiro e o direito estatal, demonstrando como o direito costumeiro evoca a lei da tradição para normatizar as tensões de sua comunidade, isto é, a seca; bem como a lei colonial

interfere no espaço tendo como método a violência de suas ações. Considera-se para isso, a representação literária dos seguintes espaços inscritos na obra: onganda/fazenda; comércio da vila, posto colonial/sambo, banza/muxito; espaços estes, ora vistos como mercadoria ora como sagrado. Tais perspectivas serão perscrutadas através da inscrição do autor, na figura do narrador como mediador das versões narradas no interior de cada conto.

EMBRIÕES DA LITERATURA INFANTIL EM PORTUGAL : DO JORNAL *O SENHOR DOUTOR* ÀS *AVENTURAS MARAVILHOSAS DE JOÃO SEM MEDO.*

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Este trabalho abrange parte de nossa pesquisa de doutorado a respeito da literatura infantil além do livro, ou seja, em revistas, jornais e suplementos no Brasil e em Portugal nas primeiras décadas do século XX. Como elucidação de alguns resultados obtidos, apresentaremos uma breve análise do conto “ Floresta proibida”, um dos vários contos de José Gomes Ferreira publicados no jornal português **O Senhor Doutor** em 1933, sob o pseudônimo de “Avô do cachimbo”, que deram origem ao livro **Aventuras maravilhosas de João Sem Medo** em 1963.

Consideramos que a literariedade independe do suporte, sendo os jornais e revistas para crianças embriões da Literatura Infantil.

DO GESTO LITERÁRIO AO POLÍTICO: MIA COUTO E PATRICK CHAMOISEAU

Luana Antunes Costa

Em 2009, o escritor martinicano Patrick Chamoiseau publicou o romance *Les neuf consciences du Malfini* e um livro de opinião *L'intraitable beauté du monde: adresse à Barack Obama*, este último, uma publicação em parceria com o pesquisador martinicano Edouard Glissant. Ainda neste mesmo ano, no entanto, em Moçambique, o escritor Mia Couto apresentava a sua mais nova narrativa romanesca, *Jesusalém*, que, no Brasil, foi publicada sob o título *Antes de nascer o mundo*, e um outro livro de intervenções cujo título é *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. Parece-nos que para além de suas respectivas tarefas no ofício da escrita ficcional, tanto Chamoiseau quanto Mia Couto tentam traçar um diálogo com as esferas do poder político e econômico ao eleger, em comum, o interlocutor Barack Obama. Apresentam-se, assim, dois

escritores cujas trajetórias de vida coincidem com a vontade política e historicamente engajada de retomar a materialidade da vida e não só no campo ficcional. Nesse sentido, propomos apresentar algumas das discussões que se apresenta no corpus de nosso projeto de doutoramento, partindo de uma perspectiva comparativista.

LITERATURA E HISTÓRIA NA TURMA DO GORDO

Regina Chamlian

Uma questão que interessa particularmente ao campo dos Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa é a natureza da relação existente entre literatura e outras disciplinas do saber. A literatura tem sido entendida, no pensamento contemporâneo, como um cruzamento dos diversos saberes humanos, um lugar onde tais saberes se encontram, se transfiguram e se concretizam.

Entre as diversas disciplinas ou formas de produção do conhecimento presentes em obras literárias contam-se a história, a sociologia, a política, a antropologia, a psicanálise, a geografia, as artes em geral, só para citarmos algumas.

Fala-se hoje em âmbito acadêmico que a literatura ‘dialoga’ com outros campos do conhecimento, mas, como se realiza este diálogo? De que forma a literatura, ou mais especificamente a narrativa literária, conversa com outros saberes, ou torna estes saberes em si corporificados, sem deixar de ser literatura?

Para examinar este assunto nos remeteremos à série “a turma do gordo”, de João Carlos Marinho, na medida em que esta obra manteve, mais notadamente entre os anos de 1969 e 1987, num grau ou noutro, diálogos com a História do Brasil, em seus desdobramentos políticos e sociais, principalmente relacionados com os anos de chumbo da ditadura militar brasileira e o período imediatamente posterior à abertura.

FEMINISMOS E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA POESIA DE HILDA HILST E PAULA TAVARES

Mailza Rodrigues Toledo e Souza

O pensamento feminista, atualmente denominado neo-feminismo ou pós-feminismo, privilegia a equidade de gêneros, relativizando as diferenças, neste sentido os estudos sobre a mulher têm

abrangido diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Psicanálise, a História e a Antropologia. O feminismo é, portanto, o principal responsável por esse revisionismo acerca da posição da mulher na história, na sociedade e no universo literário. Na senda dessa visada crítica neo-feminista, em especial da hermenêutica do cotidiano, é fundamental verificar nos discursos literários, em especial na escrita de mulheres, elementos que permitam problematizar as questões atinentes às identidades femininas, a fim de se constatar a ratificação das ideologias patriarcais ou a resistência a tais ideologias e prol da emancipação da mulher. Nesta comunicação, portanto, buscamos visualizar os modos de representação do feminino, em textos poéticos da autora brasileira Hilda Hilst e da autora angolana Paula Tavares.

O ROMANCE HISTÓRICO POR CAMILO E MACEDO: DESVIOS TEMÁTICOS

Luciene Marie Pavanelo

Apesar de a experiência histórica brasileira ter sido obviamente muito diferente da portuguesa, devido à relação desigual entre os dois países provocada pelo processo colonial, podemos encontrar certas semelhanças no que tange à literatura e, sobretudo, ao romance oitocentista, tendo-se em vista que ambos os países beberam da mesma fonte, isto é, do folhetim francês. Como sabemos, a ascensão do romance se deu de forma tardia tanto no Brasil quanto em Portugal, país que também se encontrava à periferia da Europa. Neste sentido, observamos que as produções de Camilo Castelo Branco e Joaquim Manuel de Macedo – dois dos autores responsáveis pela formação do romance português e brasileiro, respectivamente – mais se aproximam do que se distanciam, principalmente no fato de que ambos dialogaram com os gêneros romanescos em voga, produzindo, no entanto, desvios dos pressupostos estéticos e temáticos encontrados geralmente nesses folhetins. Assim, é nosso objetivo nesta comunicação analisar *O Demônio do Ouro*, publicado em 1874 por Camilo, e *As Mulheres de Mantilha*, publicado em 1870 por Macedo, mostrando a forma como os autores subverteram as convenções literárias da época.

A QUEDA DO IMPÉRIO EM ESAÚ E JACÓ

Ludmylla Mendes Lima

No romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, publicado em 1904, a queda do Império brasileiro em 15 de novembro de 1889 surge como um de seus episódios. O barateamento com que o acontecimento histórico é trazido ao enredo do romance, porém, deixa ver a necessidade profunda de apreender o ritmo histórico do Brasil do século XIX para a configuração realista na literatura de Machado. Trata-se de dar a ver, por intermédio da forma literária, que a queda de um modelo político atrasado e apodrecido não é garantia de mudanças, pois a República que o substitui é um regime mais moderno apenas em aparência; as incongruências e perversidades de fundo permanecem intocadas, como ressalta o próprio Conselheiro Aires ao dizer: “também se muda de roupa sem trocar de pele”. Para apreender tal desengano, historicamente determinado, Machado de Assis constrói o romance em questão a partir da formalização de um antagonismo sem movimento (paralisado na superfície e que gera a sensação de tédio no romance) o qual corresponde à experiência histórica brasileira. Esta estratégia de Machado deixa ver de que modo o autor soube recusar o modelo do grande realismo europeu, especialmente o francês, no qual as grandes datas históricas têm real vibração, ao ver que este não era suficiente para abarcar as contradições inerentes à realidade sócio-histórica brasileira, construída sobre patamares que uniam ideais liberais e modo de produção escravista.

LEITURA DO CONCEITO DE HIBRIDAÇÃO NO LIVRO *INTRODUÇÃO AO BRASIL (BANQUETE NO TRÓPICO.)* ORGANIZADO POR LOURENÇO DANTAS MOTA

Maged Talaat Mohamed Ahmed El Gebaly

É Brasil o tema desta comunicação. A partir dos dois volumes do livro *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico* (Editora Senac, 1999 e 2001), organizados por Lourenço Dantas Mota, de Lourenço Dantas Mota, que reúne trinta e seis resenhas, feitas por renomados especialistas, de obras clássicas do pensamento social no Brasil, que vamos procurar analisar narrativas da construção das identidades culturais (naturais, históricas e políticas) do Brasil. A saber, o primeiro volume abrange um conjunto de resenhas de dezenove obras clássicas – desde *os Sermões*, do padre Vieira, até *A revolução burguesa no Brasil*, de Florestan Fernandes, passando, entre outras, por *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freire, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior e *Formação econômica do Brasil*, de Celso Furtado.

Tentaremos refletir ao longo de diversas passagens históricas do Brasil (Colônia, Império e República) sobre as conceituações e as ideias de *entrelugares*, de misturas culturais, de hibridismos, de mestiçagens, de sincretismos religiosos e da miscigenação étnica. Abordaremos questões problemáticas das imaginações eurocêntricas e outras representações das diferenças identitárias de uma metrópole para outra e de um período literário para outro no Brasil.

DENTRO DA NOITE (LATINO) AMERICANA

Marcelo Ferraz de Paula

O longo poema “Dentro da noite veloz” pode ser lido como o marco da passagem da obra de seu autor, o maranhense Ferreira Gullar, de um didatismo militante, de orientação nacional-popular, para uma poética muitas vezes apresentada como “memorialismo engajado”. Neste estudo do poema, tratamos de sublinhar sua importância para a compreensão da trajetória de Gullar e debater o seu lugar entre as tendências poéticas em tensão durante a ditadura militar brasileira. Além disso, tal leitura colocará em questão a fulguração americanista contida não apenas neste poema mas em boa parte das composições daquele momento histórico, recuperando, por

exemplo, a imagem de Che Guevara, ativada no poema enquanto símbolo desta união entre os povos latino-americanos.

A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COMO EXPERIÊNCIA LITERÁRIA – OS CASOS DE PEPETELA, GERMANO ALMEIDA E FÁTIMA BETTENCOURT

Maria de Fátima Fernandes

A partir de uma leitura comparada das produções literárias dos autores Pepetela (Angola), Germano Almeida e Fátima Bettencourt (Cabo Verde), esta comunicação procura mostrar o papel da memória e/ou a construção do discurso memorialista enquanto experiência literária e até que ponto a reconstrução do espaço histórico-literário conseguiu a subversão da ordem do discurso colonial, nas tendências literárias que se foram evidenciando antes, durante e após o processo independentista.

Utilizando e explorando a *memória* como recurso narrativo, os autores em causa abrem espaço a um novo paradigma de entendimento e participação da HISTÓRIA na construção do texto literário. Da recuperação do passado histórico e mítico à reelaboração de uma **hermenêutica do quotidiano**, passando pelo desenho rítmico e discursivo do narrar contando, Pepetela, Fátima Bettencourt e Germano Almeida, respectivamente, constituem paradigmas de uma contemporaneidade na História das Literaturas Africanas de Língua portuguesa, atravessando o *modus operandi* do processo colonial português e reivindicando-se atualmente como distintas experiências históricas das sociedades a que pertencem e que foram submetidas a esse processo.

O HOMEM SURPREENDIDO: “UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS DESFECHOS DE GALO CANTOU NA BAÍA, DE MANUEL LOPES E UM LADRÃO, DE GRACILIANO RAMOS”

Maria Luzia Carvalho de Barros Paraense

A presente comunicação tem como objetivo apresentar uma leitura dos desfechos dos contos *Um ladrão*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, publicado em 1947 no livro *Insônia*, e *Galo cantou na baía*, do autor cabo-verdiano Manuel Lopes, publicado originalmente no segundo número da revista *Claridade*, de Cabo Verde, no ano de 1936.

Partindo de apontamentos do crítico brasileiro Antonio Candido, presentes em seu ensaio “Catástrofe e sobrevivência”, no qual faz referência ao homem surpreendido por si e pelas circunstâncias, visto que condições inesperadas podem fazer emergir gestos também inesperados, tanto pelo leitor quanto pelo próprio personagem, buscaremos relacionar essa experiência literária sugerida pelo crítico à semelhança contida nas obras mencionadas quando da frustração das expectativas dos protagonistas como desdobramento dos seus próprios gestos.

O estudo faz parte da dissertação “O canto do galo, o pouso da mosca: esboço de exclusão social nas obras de Manuel Lopes e Graciliano Ramos”, sob a orientação de Benjamin Abdala Junior.

DIÁLOGOS POSSÍVEIS: PIERRE BOURDIEU, GERMANO ALMEIDA E O CONTEXTO CABO-VERDIANO

Mauricio Oliveira Rios

Pretendemos demonstrar como a Literatura tem dialogado com outras formas do saber, como a sociologia, a antropologia, a história etc. Para isso, utilizaremos como *corpus* uma obra do antropólogo e sociólogo francês Pierre Bourdieu, **A Dominação Masculina**, juntamente com uma novela, “Agravos de um artista” do livro **Estórias de dentro de casa** de um dos grandes nomes da Literatura Cabo-Verdiana contemporânea, Germano Almeida. Pretendemos também, brevemente, apresentar dados do contexto cabo-verdiano para podermos problematizar e discutir a representação da questão das práticas sociais de gênero, pois entendemos que a literatura dialoga, como sistema de representações, no polissistema social, com outros sistemas simbólicos, tais quais as representações identitárias, de gênero etc.

Interessa-nos investigar como o discurso literário que dialoga diretamente com as práticas discursivas de construção do processo identitários de gênero pode contribuir para uma conscientização ou, ao menos, constatação das mudanças sociais que têm ocorrido em Cabo Verde.

Veremos que o autor cabo-verdiano constrói uma personagem masculina caricata, que se utiliza de várias estratégias de dominação masculina, mesmo que não conscientemente, descritas por Bourdieu. Pretendemos estabelecer um diálogo entre Pierre Bourdieu, Germano Almeida e o contexto cabo-verdiano exemplificando esse processo de dominação masculina com algumas passagens das obras.

VIOLÊNCIA EM JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E BOAVENTURA CARDOSO

Oswaldo Silva

A comunicação tem como objeto de abordagem a representação literária da violência em dois romances angolanos contemporâneos, nomeadamente *Estação das chuvas*, de José Eduardo Agualusa (1996), e *Maio, mês de Maria*, de Boaventura Cardoso (1997). Com efeito, a abordagem parte da hipótese de que, apesar das divergências entre esses dois romances no que concerne às estratégias de configuração dos fatos históricos, ambos os autores valem-se de um mesmo motivo, a saber: a violência que percorreu a sociedade angolana no período pós-independência.

A ADAPTAÇÃO TEATRAL DE O CRIME DO PADRE AMARO POR AUGUSTO FABREGAS

Pâmela Barbosa de Mendonça

Esta pesquisa teve como objeto de estudo a adaptação teatral feita por Augusto Fabregas do romance de Eça de Queirós *O Crime do Padre Amaro*, que estreou nos palcos fluminenses em 25 de abril de 1890. Alvo de muitas discussões na imprensa da época, o drama alcançou grande sucesso de público, sendo representado por quarenta e três vezes consecutivas, sempre com a bilheteria esgotada.

Ao analisar informações a respeito do drama de Fabregas podemos inferir que o dramaturgo procurou ser o mais fiel possível ao romance, modificando apenas o desenlace, fato que causou muita polêmica entre os críticos da época. Além do enredo polêmico de *O Crime*, o qual suscitou a ira dos católicos conservadores que acusavam o texto de imoral, a dificuldade de transpor romances naturalistas para os palcos era outra questão amplamente abordada na imprensa naquele momento. A principal crítica dos articulistas baseava-se na impossibilidade de transpor para os palcos estes romances sem alterá-los consideravelmente, já que era necessário adequá-los às exigências do palco e do público, o que poderia modificar toda lógica do texto original.

Esta investigação nos possibilitou traçar interessantes considerações a respeito da recepção da obra de Eça de Queirós no Brasil, além de apresentar um pequeno panorama da sociedade brasileira do final do século XIX.

O PERCURSO LÚDICO NOS DIÁLOGOS INTERCÓDIGOS

Ricardo de Medeiros Ramos Filho

Este trabalho tem como objetivo refletir a respeito do percurso lúdico nos diálogos intercódigos. O que seria esse lúdico? Qual seria o critério utilizado para se avaliar o que é ou não é lúdico? O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, e os diversos textos que podem ser escritos, nas mais variadas mídias, ampliariam as possibilidades lúdicas da Literatura Infantil? Até que ponto há vantagem nessas novas interconexões?

EU, O POVO – O NÓS-LÍRICO E A POESIA DE COMBATE

Rodrigo de Oliveira Antonio

A partir da leitura e análise dos poemas do livro *Eu, o Povo – poemas da revolução*, de Mutimati Barnabé João, e da coletânea de *Poesias de Combate*, editada pela Frelimo, apresentamos a comunicação intitulada *Eu, o povo – o nós-lírico e a poesia de combate*.

Objetivo central desse trabalho é investigar a natureza do lirismo na poesia de combate produzida em Moçambique e estabelecer relações entre essa expressão artística e os contornos do movimento político ao qual ela estava ligada no contexto de luta pela independência e de afirmação de um projeto revolucionário.

O estudo centra esforços em conceituar a configuração do eu-lírico desses poemas como a busca por um nós-lírico, afiançada em aspirações coletivas de transformação da vida social, e verifica quais os procedimentos formais para concretização – ou insucesso – dessa arte militante.

A conceituação da Lírica na poesia de combate – confrontada comparativamente com outras referências poéticas moçambicanas (Rui Knopfli, José Craveirinha, Noémia de Sousa) e com as reverberações que ela provocou na prosa (nos romances de Mia Couto, sobretudo) – será apresentada em articulação com as idéias de engajamento e execução estética e pensada criticamente a partir de referenciais teóricos do materialismo histórico.

O GROTESCO NAS FIGURAS SONORAS

Rogério Caetano de Almeida

Este trabalho visa analisar o grotesco a partir da construção de figuras de linguagem ligadas à sonoridade. O grotesco, a partir das considerações de Victor Hugo, é central nas discussões sobre construção da estética de um autor, de uma obra e de uma literatura, afinal o feio tem múltiplas formas e permeia inevitavelmente o belo. Desta maneira, verificaremos como se constrói o grotesco em figuras sonoras de poemas, músicas, ditos populares escritos em língua portuguesa e em outros idiomas. Ressalte-se que é inerente à construção do grotesco no texto um aspecto que também é considerado aqui: a recepção da mensagem. Como o grotesco se manifesta em todas as épocas, os trechos de textos selecionados pertencem a épocas absolutamente distintas. Assim sendo, o espectro de análise não se restringe a apenas um tipo de grotesco, seja ele de origem popular, como vê Mikhail Bakhtin, seja ele de caráter abismal, como indica Wolfgang Kayser.

A FILOSOFIA DE RUDOLF STEINER NA LEITURA DA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL

Sandra Regina Kuka Mutarelli

O presente trabalho busca analisar a Filosofia de Rudolf Steiner na leitura da Literatura de recepção infantil como possibilidade de poder aproximar a literatura de outros domínios da expressão ou do conhecimento. A base do estudo será o livro *A Filosofia da Liberdade*, publicado em 1894, por ser, nesse livro, que Steiner apresenta a sua concepção do homem, da consciência que o homem tem de si mesmo, dos outros homens e da sua relação com o mundo. Concepções que o levam a concluir que o indivíduo não está, na realidade, separado do mundo, mas faz parte deste, e sua conexão com a totalidade do cosmo encontra-se interrompida, não na realidade, mas só para sua percepção. Do livro *A Arte da Educação III*, que reúne palestras proferidas por Steiner em 1919, será utilizada a parte que trata das narrativas e de como elas podem facilitar a adaptação da criança à vida terrena se forem apresentadas na seguinte ordem: primeiro, apresentar os contos de fadas; depois, contos que falem sobre os animais, passando para histórias do reino animal e as fábulas; em seguida, ler história bíblica em conexão com a História Geral; e por último, narrativas sobre a natureza, os povos e diferentes culturas, inserindo os conhecimentos etnológicos por meio da História Antiga, Medieval e Moderna. Esta ordem dos

contos de fada aos conhecimentos etnológicos, objetiva integrar a parte espiritual-individual da criança à própria corporalidade e à sua adaptação e autonomia futura em sua vida terrestre. Espera-se, por meio deste resumo, apontar algumas possibilidades de estudos que permitam a construção de uma integração entre os saberes de Steiner e os saberes da literatura infantil.

OLHARES PARA O SUBÚRBIO

Sandra Salavandro Rodrigues

A partir de uma leitura analítica da canção *Subúrbio* de Chico Buarque do álbum Carioca de 2006, busco refletir à luz dos Estudos Culturais, as relações entre alta-cultura e cultura periférica, centro e periferia presentes em seu texto, temática constante em sua obra poético-musical, busco também apontar nesta composição uma aparente proposta de (des) hierarquização dos objetos culturais brasileiros, e ainda dar voz, mesmo que esteticamente, aos silenciados.

Pretendo, ainda, por meio de uma abordagem comparativa com canções oriundas e que tematizam a periferia como Racionais Mc's e O Rappa, buscar um diálogo entre os discursos que retratam o mesmo espaço, porém circulam em espaços distintos, buscando correspondências discursivas entre obras aparentemente desconectadas. Refletirei acerca da autoria dessa voz. De um lado o sujeito referencial, Chico Buarque, filho da alta cultura, cuja obra poética ocupa um lugar legitimado de inquestionável qualidade estética, e que não pertence a esse espaço de exclusão que esteticamente mimetiza. De outro, um sujeito lírico, ficcional, mas que também é construído como um olhar externo que observa e compreende as dores do oprimido.

Pretendo demonstrar por meio dos recursos estéticos oriundos da poesia sacralizada presentes nos textos de Chico Buarque, como o sujeito histórico, produzido em um determinado tempo e lugar, o autor, com sua visão de mundo, com suas vozes ficcionais, trata com devida consciência e adentra no espaço do Outro, e através da aproximação de perspectivas culturais distintas, propõe um descentramento do conceito de cultura. E ainda demonstra em sua poesia uma preocupação em propor uma reflexão dos problemas e a valorização dos objetos culturais desses espaços periféricos. Uma periferia que é geográfica e social.

O COMPARATISMO COMO ESTRATÉGIA PARA UM ESTUDO LITERÁRIO DAS ELITES – EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Sueli Saraiva

A década de 1990 testemunhou o surgimento de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto (Moçambique 1993) e *Geração da utopia*, de Pepetela (Angola, 1992), obras representativas da ficção de Angola e Moçambique nos primeiros anos de libertação do colonialismo e das subseqüentes guerras civis, findadas apenas em 1992 (Moçambique) e 2002 (Angola). Foi, portanto, num cenário ainda de incertezas que as literaturas desses países entraram no século XXI, perseguindo, com zelo estético, o viés crítico semeado nos anos anteriores. Romances como *Maio, mês de Maria* (1997), de Boaventura Cardoso; *Predadores* (2005), de Pepetela; *O sétimo juramento* (2000), de Paulina Chiziane; *O último voo do flamingo* (2000), de Mia Couto, têm colocado os problemas sociais em perspectiva literária, remetendo invariavelmente à formação de suas elites nacionais, um grupo pequeno, mas voraz, guarnecido de privilégios políticos e econômicos. Ou seja, representar as elites implica, por sua vez, dar relevância aos problemas que atingem a classe que é o seu exato oposto: os pobres.

Considerando que a crítica vislumbrada na literatura advém dessa leitura social por parte dos escritores, a qual está presente também em textos de intervenção proferidos por eles próprios, ou por seus pares, propomos discutir, nesta comunicação, a possibilidade de um estudo das elites angolanas e moçambicanas através do comparatismo entre textos ficcionais (romances) e não-ficcionais (textos de intervenção). Lembrando que, para abordar esse diálogo intergenérico, torna-se indispensável o instrumental teórico emprestado de outras áreas do conhecimento, a exemplo da sociologia, em que o conceito “elite” circula mais comumente.

MESMA IMAGEM, OUTRO OLHAR?

Vander da Conceição Madeira

Na primeira metade do século XX, uma série de romances obteve êxito de crítica e/ou de público tendo como elemento importante de seu enredo o deslocamento de massas sertanejas em função da seca. Cunhou-se até um epíteto para essas obras, “romances da seca” ou romances do “ciclo da seca”. Tais alcunhas, em alguns casos aplicadas de modo pejorativo, colocam numa mesma

categoria romances de variada fatura. Comparando dois romances desse período, *Deserdados*, publicado em 1921 e *O quinze*, de 1930, podemos observar um conjunto de semelhanças na descrição dos eventos e marcantes diferenças na concepção dos personagens. Carlos Vasconcelos e Raquel de Queirós focalizam a chegada da seca, seu agravamento e a debandada de personagens em busca de um espaço de sobrevivência. Se a seca se nos apresenta como uma fatalidade, o atendimento aos retirantes e o seu encaminhamento aparecem como uma opção política e econômica. Nossa comunicação visa lembrar as conexões entre nossa Literatura e nossa História e provocar uma reflexão sobre o papel da ficção na construção, reiteração, elucidação ou transformação de conceitos e preconceitos. A comparação dos romances em questão pode propiciar uma melhor compreensão do papel da literatura na constituição de uma imagem de País, bem como revelar a presença de um conjunto de idéias, por vezes conflitantes, na literatura produzida na primeira metade do século XX.

A SAUDADE, A MEMÓRIA E O TEMPO NO POEMA SUJO

Victor Palomo

A saudade é um estado melancólico, nostálgico ou prazeroso da alma em busca de completude, quando em visita às memórias das paixões. Indissociável e patenteada por muitos autores como exclusividade das culturas de língua portuguesa, a palavra “saudade” tem sido motivo de muitas especulações acerca de sua origem, significado e prováveis desdobramentos na literatura brasileira.

O presente trabalho tem a intenção de fazer uma leitura sobre os significados da saudade no *Poema Sujo*, tema inextricavelmente ligado às categorias da memória e do tempo. Escrito por Ferreira Gullar em 1975, com quase dois mil versos, o poema elege alguns temas prevalentes como a infância, São Luís do Maranhão e o tempo, acerca dos quais o eu lírico adota vozes em múltiplas perspectivas. Saudade e exílio parecem fomentar a escrita poética, em que esse sujeito lírico liga-se às imagens “sujas” evocadas pela memória e suas reverberações no presente.